

# A MULHER NA HISTÓRIA DA LITERATURA

THE WOMAN IN LITERATURE HISTORY

Vicentonio Regis do Nascimento Silva<sup>104</sup>

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos (org.). **A mulher na história da literatura**. Caxias do Sul: EDUCS, 2015, 292 p.

[...] fazer uma história da literatura, considerando a mulher como escritora, não é apenas considerar a mulher como um ser político, mas é proporcionar a ela um espaço para por fim à imagem negativa construída pelos homens a respeito da mulher, como, também, possibilitar a emancipação da mulher, enquanto sujeito agente da história universal.

Dessa forma, incluir a mulher nos discursos historiográficos da literatura, principalmente levando em consideração a regionalidade, possibilitará aos sujeitos questionarem a constituição do cânone, que historicamente foi dominado pelos homens, assim como o domínio do conhecimento na sociedade. Sem dúvida alguma, esse processo possibilitará não apenas a retomada da cultura produzida pela mulher, mas o resgate da identidade feminina que, por muito tempo, foi ignorada, esquecida e subjugada pela masculina (p.174).

Cecil Jeanine Albert Zinani e Salete Rosa Pezzi dos Santos detêm longo currículo nos debates feministas de modo que *A mulher na história da literatura*, dividido em treze capítulos, analisa autoras da região de colonização italiana no Rio Grande do Sul, predominantemente no século XX. Ressaltando a relevância dos Annales e dos Estudos Culturais, um dos objetivos, explicitados na

<sup>104</sup> Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Londrina. Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. E-mail: [vicrenos@yahoo.com.br](mailto:vicrenos@yahoo.com.br)

apresentação, é resgatar e valorizar a “[...] escrita realizada por mulheres que se voltaram para as letras, a cuja produção não foi outorgada o devido reconhecimento” (p.12).

Assim, o primeiro capítulo – “A escrita feminina na imprensa caxiense até 1920 em *O estímulo*”, de Aline Letícia Rech de Abreu – examina o periódico familiar cujas redatoras eram Antonia Saldanha e Anna Saldanha. Entre notícias da Primeira Guerra Mundial e da Prefeitura local, sonetos de Aracy Lisboa Saldanha (p.17). Inicialmente ocupando-se da moda e da literatura destinada às mulheres da aristocracia e da burguesia, a imprensa, a partir do século XX, discute o papel da mulher na sociedade. Em edição de abril de 1917, Antonieta Lisboa Saldanha publica poema em que discute assuntos sociais e religiosos (p.20), demonstrando-se leitora literária e conhecedora de versificação, promovendo intertextos com Camões e Bilac (p.23). Facilmente encontram-se crônicas e poesias de espírito nacionalista/ufanista (p.24) e defesas do trabalho feminino não como emancipador, mas como moralizador (p.26-27). Se “*O estímulo*” não rompe o modelo patriarcal, incentiva a crítica social e a participação feminina (p.36).

“Entre histórias e geografias do feminino: a virgindade em Ercília Nogueira Cobra”, Ana Julia Poletto questiona como a paulista Ercília, que vive em Caxias do Sul entre 1934 e 1938, aborda o corpo feminino: defende educação igualitária de modo que as mulheres tenham os mesmos direitos que os homens (p. 51), inclusive utilizando-se de seu corpo já que, independentemente dos gêneros, os desejos são iguais (p.53). Ercília

[...] não tem pretensões artísticas, mas antes revoltar-se contra uma sociedade que dispõe do corpo das mulheres sem questionar seus reais desejos e necessidades. Ela não quer ser mais uma voz silenciada e silenciosa: ela deseja relatar as atrocidades feitas ao seu sexo, e utiliza-se da ficção para mostrar uma realidade deixada de lado, assim como o ensaio, para dialogar com seus pares, pois em todo o texto deixa claro que seu discurso é endereçado às mulheres,

a quem se deve mostrar a realidade nua e crua, para que possam mudar seu destino, e não os homens, que estão comodamente em seus papéis (p.47).

Ana Lia Branchi assina “Tia Ida Crivelatti, uma ‘mulher de grandes olhos’”. O capítulo discute a história de vida da bisavó. Para isso, dialoga com “Mulheres de olhos grandes”, de Angeles Matreta. Ida escreve prosa, mas dedica-se com afinco à poesia por meio da qual posiciona-se sobre espiritualidade e reencarnação (p.75). Sua genialidade, ousadia e escolhas mostram-na forte e subversiva. Antonieta Lisboa Saldanha deixa interessante legado: volta a integrar esta coletânea com “O resgate de uma poetisa: o caso de Antonieta Lisboa Saldanha”, capítulo no qual Bruno Brizotto promove seu resgate e sua valorização tendo em vista que

A história da literatura, vista sob uma perspectiva feminista busca, desse modo, problematizar uma série de questões que foram negligenciadas ou sequer levadas em conta pelo discurso histórico-literário oitocentista, tais como: a mulher enquanto escritora, leitora e personagem; o texto literário de autoria feminina e sua relação com o cânone; os múltiplos significados que a escrita literária feminina tem para com uma história da literatura; as atividades de arqueologia literária, isto é, o resgate de escritoras que produziram ficção e que foram silenciadas ou simplesmente excluídas das histórias literárias (p.87).

Cecil Jeanine Albert Zinani subscreve “Estudos culturais de gênero e história da literatura” em que reconhece os empecilhos de se discutir a produção literária feminina, especialmente pelo árduo trabalho arqueológico, de identificação dos silenciamentos nas histórias da literatura (p.122), do questionamento do cânone e da abordagem das minorias, possibilitada pelos Estudos Culturais (p. 125), e do estudo das personagens femininas (p. 127), em sua maioria, reprodutoras das perspectivas ideológicas dos autores.

Trata-se da literatura infantil em “A colonização italiana através da literatura infantil, em *Champolina*, de Denize Maria Leal”. Neste capítulo, Fernanda Alliatti Masutti confirma a hegemonia masculina no cânone literário infantil. Dessa maneira, Denize Maria Leal narra as aventuras de “[...] uma abelha simpática, da terra do champanha, que apresenta o passado e o presente da cidade de Garibaldi para uma amiga também abelha que chega da África” (p.135). Assim, “misturando passado e presente, o leitor conhece também como ocorreu a colonização de Garibaldi, que foi predominantemente ocupada por italianos, a partir de 1875” (p.137).

Ismael Luis Minozzo e Cecil Jeanine Albert Zinani assinam “Uma contribuição à história da literatura a partir da questão de gênero na região de colonização italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul”. Aprofundando-se nas relações de história e literatura, afirmam que “o historiador precisa conhecer os sistemas literários, suas estruturas e funções, assim como a sua origem e as mudanças que sofreram; só dessa forma, terá condições suficientes para uma série de estratégias, a fim de desvelar o passado, compreendê-lo e torná-lo acessível a todos” (p.155-156). Conseqüentemente, constroem-se a alteridade (p.158) e uma nova história da literatura (p.160), esta fundamentada na desestabilização dos saberes tradicionais e na visibilidade da mulher na criação, crítica e teoria literárias, questionando-se “[...] a constituição do cânone, que historicamente foi dominado pelos homens [...]” (p.174).

[...] A imagem da mulher construída pela literatura, até esse ponto, é uma visão masculina, não uma visão feminina da mulher. Por essa razão, a visão do homem sobre o gênero oposto, em muitos casos, gerou juízos negativos e distorcidos a respeito da mulher.

Outros estudos, ainda, apontam a uma nova constatação. Ao analisar obras canônicas da literatura, notou-se a existência do poder entre os sexos, com a dominação do homem sobre a mulher, sendo ela vista como uma propriedade do homem.

Considerando essa observação, constata-se que, se de um lado a questão de gênero, marcada pela relação entre homem e mulher,

caracteriza-se pela postura política de poder, é possível conceber o movimento feminista como uma manifestação política, pois é marcado pelo desejo de mudar e reorganizar a ordem social existente. O movimento de trazer a mulher para dentro da literatura, dando a ela o seu devido destaque, inaugura um novo estilo literário, cujo objetivo é acabar e desconstruir a discriminação por parte de ideologias contrárias à mulher. Um texto literário, no viés feminino, procura despertar uma postura crítica e mudar a mentalidade das pessoas, acolhendo a mulher como o outro da relação de alteridade (p.158).

“O lugar de Lydia Mombelli da Fonseca na história da literatura” – parceria de Jaqueline Modelski e Salete Rosa Pezzi dos Santos – reflete sobre “As pedras do caminho”, romance em que se discute a responsabilidade da mulher por sua transformação (p.189) a partir da configuração de Telma (pobre, bonita e com dificuldades de conseguir emprego) e Mirtes (rica, bela e frequentadora dos bailes da alta sociedade).

Salete Rosa Pezzi dos Santos e Karen Gomes da Rocha – subscritoras de “A literatura confessional de autoria feminina e a perspectiva da história literária: confissões e divagações do eu em *O eterno prenúncio*, de Helba Maria Carpes Antunes” – retomam a formação do cânone (p.205) propondo, por meio da escritora escolhida para análise, a desconstrução do sujeito/herói da obra literária e do mito de literatura única. Realçando a visibilidade e o (re)conhecimento do legado de Helba Maria Carpes Antunes (p.206), sustentam que “a literatura é para as mulheres uma forma de liberação e fomento da individualidade e, sem esta forma de expressão, o silêncio poderia ser muito mais longo e duradouro” (p.217).

Em “Uma reflexão sobre questões de gênero no romance transgressor *A senha*, de Natália B. Guzzo”, Letícia Lazzari pondera acerca do romance publicado em 2006 em que a policial Raquel quebra o paradigma de protagonistas masculinas. Em seguida, “O duplo e o ambíguo: o feminino nas artes visuais e na literatura”, escrito por Mara Aparecida Magero Galvani e João

Claudio Arendt, parece deslocado: descompassada e infrutiferamente aposta na união da pintura de Neusa W. Bocchese – que (re)produz o universo feminino (p.241) – a um conto de Lygia Fagundes Telles (p.248), destacando, em suas respectivas obras, a eventual duplicidade do eu feminino (p.249).

O crítico literário Marcos Mantovani aponta como Lydia Mombelli da Fonseca – “O reduzido território feminino em *O velho casarão*, de Lydia Mombelli da Fonseca” – aponta como “[...] o papel feminino se caracterizava pela preocupação com o homem, pelo cuidado com o qual a mulher o tratava [...]” (p. 269).

O velho casarão expõe a fragilidade e estreiteza do papel feminino. Mostra que pertencia à mulher um papel secundário e submisso, eterna obediente das vontades e determinações impostas pelo marido. Porém, tal submissão, quando mostrada na literatura, transforma-se em reflexão, já que esse é um dos papéis da obra literária: expor realidades para que o leitor possa apreendê-las e logo em seguida colocá-las em julgamento. De certa forma, através da trama de *O velho casarão*, foi o que Lydia Mombelli da Fonseca exercitou. A autora fez uso de um movimento antecipatório, indicando as restrições sem sentido que circundavam a vida feminina no início do século XX (p. 272).

Por fim, em “Vivita Cartier, uma poetisa simbolista na serra gaúcha”, Paula Sperb confronta o aparente simbolismo (p.280-281) concentrado na temática da morte: “[...] A morte aparece como um sinônimo de vida e liberdade, uma subida (escalada etérea) para outro lugar (ao mundo desejado)” (p.283).

*A mulher na história da literatura* atinge seu objetivo de resgatar, por meio dos Estudos Culturais, a relevância do trabalho artístico (literário, na maioria das vezes) de mulheres que, um pouco antes e um pouco depois do século XX, independentemente do suporte – livros, revistas ou jornais –, tiveram sua obra esquecida (tanto na prosa, na poesia, na literatura infantil ou policial quanto na concepção e redação de jornais) pela consolidação de cânone masculino. Dessa maneira, ou com mulheres de passado remoto, ou com as mais

jovens que adentram o século XXI, *A mulher na história da literatura* ensina o leitor – leigo, militante ou especializado – os caminhos teóricos e metodológicos de dar voz ao trabalho que, até então, parecia inócuo, anódino e inconsistente.

Recebido em 31/03/2018.

Aceito em 26/07/2018.